

## O FÓRUM VIA INTERNET COMO FONTE HISTÓRICA: UMA ANÁLISE DO FÓRUM “ÍNDIO PATAXÓ”

Flávia Millena BIROLI<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Este trabalho visa discutir, a partir da relação entre o falado e o escrito, algumas possibilidades de tratamento dos dados lingüísticos do gênero “fórum”. O método a ser utilizado parte da relação falado/escrito nesse gênero textual na Internet e busca situar os dados desse material como fonte para o historiador. A discussão se situa, portanto, no limite entre uma perspectiva que entenderia o texto como informação sobre um fato, buscando nele “o fato” como dado; e uma outra que o entenderia como um acontecimento histórico, buscando nele sua própria historicidade. Essa discussão faz eco com regiões de limites metodologicamente correspondentes no campo da Lingüística e da Sociologia, a saber: na Lingüística, o limite entre uma visão que toma os dados como propriamente lingüísticos e uma outra que os toma como fatos discursivos; e, na Sociologia, o limite entre uma visão que toma o texto como reflexo de uma estrutura social e uma outra visão que toma o texto como prática social.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação via Internet; fontes orais; fontes escritas; fórum; transdisciplinaridade; historicidade.

### Introdução

Este trabalho tem como preocupação central analisar o material lingüístico que constitui o fórum “Índio Pataxó”, pensando-o como fonte potencial para o trabalho historiográfico.<sup>2</sup>

---

1 Doutoranda do curso de pós-graduação em História Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp – Campinas – SP. Endereço eletrônico: birolif@correionet.com.br

2 Nosso trabalho integra o projeto de pesquisa “A comunicação via Internet como material de pesquisa: a construção dos dados para uma abordagem transdisciplinar”, de que fazem parte também os pesquisadores Lourenço Chacon Jurado Filho (UNESP – Marília), Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP) e Marcos César Alvarez (UNESP – Marília).

Está em questão, na análise, o estatuto epistemológico do documento para a escrita da história. O lugar epistemológico atribuído ao documento no interior do trabalho historiográfico implica a atribuição de lugares peculiares à linguagem e à própria história. Exemplificando, uma perspectiva teórica que prescreve, para o documento, o estatuto de um meio pelo qual uma realidade histórica passada pode ser resgatada, atribui à linguagem um mero papel de instrumento de comunicação de sentidos, de reflexo de realidades sócio-históricas prévias ou, ainda, de tábula rasa na qual se inscreve e se escreve a história, restando ao historiador o papel de um “compilador objetivo”, também ele um meio (privilegiado) de preservação de um passado histórico que estaria, de uma vez por todas, dado.

No interior da problemática sobre o estatuto epistemológico do documento, situamos uma outra. A saber, a da divisão, tradicionalmente feita pela historiografia, entre fontes documentais orais e escritas. Partindo de uma reflexão em torno dessa divisão, realizada, por sua vez, no interior da perspectiva teórica que aqui privilegiamos no tratamento do par oralidade/escrita,<sup>3</sup> propomos um modo de compreensão do gênero fórum que procura deslocar a oposição oral-escrito no que diz respeito a fontes documentais.

A noção de dialogia, tal como a define Bakhtin (1997), orienta metodologicamente nosso trabalho. Para esse autor, “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (p.123). É a interação verbal que, segundo o autor, constitui a realidade fundamental da língua. Nela, fundam-se sujeitos e a linguagem se materializa como enunciação.

Considerando a constituição dialógica da linguagem, percebemos o material linguístico analisado como um acontecimento histórico singular. Nele, podemos visualizar uma relação peculiar entre oralidade e escrita, que, por sua vez, remete às peculiaridades do meio eletrônico no qual o fórum se realiza.

---

3 Corrêa (1997), apontando para o modo heterogêneo de constituição da escrita pela convivência do oral e do letrado, propõe reunir, como práticas sociais inseparáveis, as práticas sociais do oral e do letrado e os fatos linguísticos do falado e do escrito. Com ele, estaremos pensando o oral e o escrito, na caracterização de fontes historiográficas, como práticas sociais indissociáveis.

Estamos atentos, ainda, ao fato de que esse novo meio permite possibilidades de subjetivação que singularizam, também elas, o material lingüístico analisado. Procuramos tornar visíveis, com a análise, não os indivíduos que emitem opiniões sobre o Caso Pataxó, mas o processo histórico (e, diríamos, discursivo) pelo qual constituem-se "sujeitos de linguagem". Estes últimos são compreendidos, aqui, como materializações possíveis de noções de indivíduo (jurídico e social), de sociedade (como realidade simultaneamente vivida e projetada) e de linguagem, que se entrecruzam na constituição dialógica das narrativas sobre o Caso Pataxó.

Passemos a uma breve descrição do material analisado, para, então, desenvolvermos as questões apontadas nesta introdução.

## **Apresentação do material**

Rubricas como Atualidades, Sexo, Cidades, Esportes e Novelas organizam, tematicamente, os grupos de discussão que constituem os fóruns via Internet, promovidos pelos provedores da rede.

O grupo de discussão Caso Pataxó foi organizado pelo provedor ZAZ e figura entre uma diversidade de outros temas, tais quais Aborto, Aids, Bill Clinton, O amor tem idade?, Desemprego hoje, Gustavo Kuerten, Fim do Mundo, Racismo etc., que aparecem sob a rubrica Atualidades.

Uma vez constituídos, os grupos de discussão permanecem acessíveis aos navegantes da rede, simultaneamente à organização de grupos em torno de novos temas, periodicamente propostos pelo fórum.

A divisão temática já ofereceria, em si, um interessante recorte para a análise, que, entretanto, não figura dentre os que por ora privilegiamos. É importante notar que, como nos esclareceu a Redação do ZAZ,<sup>4</sup> os temas são selecionados de acordo com sua repercussão (nacional ou até mesmo internacional), o que sugere, desde já, uma interação entre os diversos meios de comunicação. A visibilidade que um tema assume em um fórum de discussão via Internet remete a sua visibilidade nos noticiários diários e/ou semanais, seja da mídia impressa ou televisiva. Assim, uma das faces da dialogia pode ser percebida na própria cons-

---

4 Entrevista feita com o Sr. Caikue Severo, da redação do ZAZ, no dia 9.3.1999.

tuição do meio Internet, que se dá em uma interação dinâmica com outros meios.

Um tema, como o Caso Pataxó, é lançado à discussão por sua suposta importância social, que legitimaria não só a temática proposta, mas o interesse que os usuários da rede teriam em participar da discussão. É, entretanto, a repercussão mediática do tema que, acreditamos, determina sua aparição nos fóruns de discussão.<sup>5</sup> Assim, poderíamos falar da existência de um jogo de espelhos, no qual temas que conquistam espaço nos meios de comunicação são alçados a um estatuto simbólico maior, isto é, a um estatuto de importância nos meios de comunicação que remete à própria dinâmica pela qual a mídia constrói, simbolicamente, seu lugar social. A relevância dos temas estaria, assim, associada à manutenção desse lugar, pelo qual a mídia constrói a si mesma como indispensável à manutenção da sociedade.

A Internet é, portanto, inatingível como um “meio puro”. No que se refere às condições de produção do material lingüístico que compõe o fórum, é importante considerar, não só a sociedade na qual ele se realiza, mas também o lugar nela ocupado pelos meios de comunicação, pensados sempre no interior de uma interação (desigual), em que, para utilizar um jargão da prática jornalística, “pautam-se” mutuamente.<sup>6</sup>

Os grupos de discussão têm início com uma introdução do tema pelo provedor, seja por meio de uma exposição do problema apontado, seja por meio de uma provocação. O grupo de discussão Caso Pataxó teve início com o seguinte texto:

Tema: Atualidades

Assunto: Caso Pataxó

Autor(a): Admin <Email desconhecido>

A decisão da juíza Sandra Mello no julgamento dos quatro jovens que

---

5 Como negar, por exemplo, a relevância social do fato de mendigos serem freqüentemente incendiados e assassinados nas grandes cidades brasileiras? Esses casos, semelhantes ao que ocorreu com o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, na cidade de Brasília, têm merecido pequenas notas na mídia (quando não são excluídos da “pauta”). Poderíamos questionar, por exemplo, que o tema em pauta no fórum seja o Caso Pataxó e não os diversos indivíduos (mendigos, índios, meninos de rua, mulheres etc.) que sofrem violência nas grandes cidades ou, até mesmo, que são vítimas de uma “violência de classe média”.

6 Cabe lembrar que, em geral, os meios de comunicação de médio e grande porte possuem um provedor da Internet. Nele, há notícias, prestação de serviços, enquetes sobre temas “atuais” e, ainda, grupos de discussão do gênero fórum. Este é, entretanto, apenas um dado “positivo” da interação de que falamos. Acreditamos que ela se dá, para além desse dado, em um plano simbólico, no qual a mídia se auto-alimenta, em grande parte, de temas que ela mesma lança a um estatuto de importância (política, histórica, cultural e social).

queimaram o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos é justa? Sandra entendeu que os jovens não queriam a morte do índio e a pena prevista neste caso é de quatro a 12 anos. Caso a juíza tivesse classificado o ato dos rapazes como a de homicídio intencional, a pena prevista seria de até 30 anos de cadeia. Como você julgaria o Caso Pataxó?

Resposta

Autor:

Email (opcional):

Título: Re: Caso Pataxó

Resposta:

Acrescentamos que, um mês após o início do fórum, foi organizada uma página (*Jus Navigandi*) com informações gerais sobre o caso. Essa página dá acesso à íntegra da sentença da juíza – trazendo também um parecer do penalista Damásio E. de Jesus e um relatório do Conselho Indigenista Brasileiro sobre o caso – e é sugerida como leitura prévia aos participantes do fórum. Os *links* para esses textos são precedidos da seguinte apresentação:

No dia 20 de abril de 1997, em Brasília, jovens delinqüentes atearam fogo ao índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, que dormia indefeso em uma parada de ônibus, por não ter conseguido entrar na pensão em que estava. Dias depois, veio a falecer, com queimaduras em todo o corpo.

A juíza Sandra de Santis Mello, na sentença de pronúncia, desclassificou o crime dos jovens para lesão corporal seguida de morte, o que, na prática, tornou o crime de competência de juiz singular e reduziu a pena máxima.

A sentença despertou polêmica na mídia nacional e internacional, mas pouco se viram estudos que realmente estudassem o caso sob o prisma jurídico, e não meramente emocional.

Nesta página você tem acesso a muitas informações sobre o caso.<sup>7</sup>

A seguir, temos um exemplo dos textos que compõem o grupo de discussão, enviados por internautas que não precisam, necessariamente, identificar-se e que podem ou não ter tido acesso à página *Jus Navigandi*, citada acima.

Tema: Atualidades

Assunto: Caso Pataxó

---

<sup>7</sup> Acrescentamos que o Supremo Tribunal Federal acabou por encaminhar os acusados ao júri popular.

Autor(a): Índio <Email desconhecido>

Pataxó, igual porém diferente

É um absurdo crer que um indivíduo, enxarcando um índio com dois litros de álcool e colocando fogo ache que nada iria acontecer, portanto deve responder criminalmente por tentativa de homicídio sim. Porém, isto é Brasil!!!

Resposta

Autor:

Email (opcional):

Título: Re: Caso Pataxó

Resposta:

Esse exemplo figura entre as 301 respostas enviadas ao fórum entre 20.8.1997 e 10.9.1997.<sup>8</sup> Uma vez enviadas, elas permanecem disponíveis junto ao texto inicial, trazendo a data em que foram enviadas ao fórum. Novos participantes podem responder tanto à mensagem inicial do provedor quanto a qualquer uma das mensagens posteriores, ocupando, para tanto, o espaço de Resposta situado abaixo de cada uma delas.

No decorrer da análise, falaremos um pouco mais sobre esse diálogo entre as mensagens enviadas. Por ora, afirmamos, também aqui, o caráter dialógico de constituição das narrativas sobre o Caso Pataxó, não apenas no que se refere a sua interação com as demais respostas que compõem o fórum ou com a apresentação do caso feita pelo provedor, mas também no que se refere a enunciados postos em circulação por outros meios de comunicação e a certos “consensos” em torno do tema, que, acreditamos, podem referir-se a instâncias menos institucionalizadas de discussão (e simbolização) do assunto.

O fórum é in-formado por instâncias discursivas nas quais tradicionalmente predominam o que chamaríamos de práticas sociais do letrado/escrito (por exemplo, jornais impressos, textos jurídicos etc.), ao mesmo tempo em que é in-formado por instâncias nas quais predominam as práticas do oral/falado (por exemplo, discussões que se passam no interior da casa – muitas vezes, a partir do noticiário de TV –, na escola, em um bar, em um ponto de ônibus etc.). Apontamos para essa in-formação heterogênea, sem deixar de lado, é claro, o fato de que essas instâncias discursivas não existem de forma dissociada, mas, sempre, em uma interação constitutiva.

Passemos, então, à análise do material descrito.

---

<sup>8</sup> Destas, selecionamos para análise 110 mensagens. As mensagens selecionadas foram tomadas na seqüência que aparecem no fórum, para conservar a dinâmica dialógica de sua constituição.

## Análise do material

Para analisar o material lingüístico que compõe o fórum “Índio Pataxó”, pensando-o como uma possível fonte para o trabalho historiográfico, partimos da verificação de que alguns temas são enunciados repetidamente. Lembramos que isso se dá no interior de um esforço de (re)significação do fato, no qual vão-se constituindo noções de indivíduo, de sociedade e de linguagem, para as quais estaremos apontando.

Entre os temas que se repetem, destacamos o da “vergonha” do Brasil,<sup>9</sup> que aparece freqüentemente acompanhado de uma referência à maneira pela qual casos como o ocorrido são ou seriam tratados “se fossem nos Estados Unidos”. Esse tema se mescla a um outro, que levanta suspeitas quanto ao funcionamento da justiça brasileira. Em diversos enunciados, a justiça é acusada de favorecer os “ricos” e prejudicar os “pobres”. No interior dessa temática há, ainda, a afirmação repetida da “impunidade” como característica do país.

Os enunciados a seguir são exemplos de como os temas apontados se verificam no fórum “Índio Pataxó”.

A. “Infelizmente no Brasil quem vai pra cadeia como tradição provinciana são PPP (Pobre, Prostituta e Preto). Vivemos num País em que o povo vive sonhando com dias melhores, mas nada de concreto é realizado é um rodízio sem fim de coisas mesquinhas, podres e de interesses individuais e não de trabalhos concretos e eficazes. Enquanto os USA estão conquistando outros planetas estamos banalizados por questões bestialmente complicadas por pessoas bestiais que não querem o desenvolvimento desse País tão lindo e maravilhoso. Siga por exemplo o índio dos USA índio nos USA, são respeitados e suas reservas são verdadeiros patrimônios”.

B. “Mais uma vez, sinto-me envergonhado de ser brasileiro. Acho mesmo que a saída para o Brasil varonil é mesmo o aeroporto. ... Se fosse um pobre que tivesse roubado uma galinha ela o condenaria nos ‘rigores da lei”.

---

9 No interior dessa temática, há enunciados em que está marcado o diálogo com outros meios de comunicação, do qual falávamos no item anterior. No caso, um diálogo constitutivo que remete a um telejornal noturno da Rede Record, no qual o apresentador-âncora, Boris Casó, enuncia repetidamente o bordão “Isso é uma vergonha!” ao comentar as notícias. No fórum, encontramos enunciados tais quais “É uma vergonha nacional”, “Vergonha, vergonha, vergonha” ou “É uma vergonha para o nosso país”. Além disso, há, em diversas mensagens, referências diretas a artigos publicados em jornais, a reportagens da revista *Veja* e, até mesmo, ao fato de que a programação televisiva, considerada violenta, levaria os jovens a comportamentos como o dos adolescentes de Brasília.

C. "É uma vergonha para o Brasil, pois independente da intensão ou não, esses 'filhinhos de papai' acabaram por tirar uma vida humana. E com certeza se o Brasil fosse um país que levasse as leis a sério, independente de classe social, esse moleques pegariam uma pena máxima. Um caso semelhante ocorreu nos EUA a algum tempo atrás, semelhante apenas pela não 'intensão de matar', mas apenas a intensão de se fazer uma brincadeira, caso esse em que os garotos apenas retiram uma placa de sinalização 'PARE', e com isso ocorreu um sério acidente, matando algumas pessoas, mas como nos EUA a lei é leva a risca, os jovens pegaram a pena máxima, independente da intensão ou não. Por isso eu acho que é um absurdo a pena estabelecida neste caso. HIPER REVOLTANTE."

As mensagens acima manifestam uma discordância em relação à sentença da juíza, como ocorre na grande maioria das mensagens enviadas ao fórum.

Das três, destacamos:

#### GRUPO 1

- A. infelizmente no Brasil.....enquanto nos USA
- B. envergonhado de ser brasileiro.....a saída é mesmo o aeroporto
- C. vergonha para o Brasil.....nos Eua a lei é leva a risca

Damos destaque, ainda, às seguintes formulações:

#### GRUPO 2

- A. no Brasil quem vai pra cadeia como tradição provinciana são PPP (Pobre, Prostituta e Preto)
- B. se fosse um pobre que tivesse roubado uma galinha ela o condenaria nos "rigores da lei"
- C. com certeza se o Brasil fosse um país que levasse as leis a sério, independente de classe social, esse moleques pegariam uma pena máxima

Nos grupos de enunciados destacados, há um duplo movimento de afirmação da sociedade na qual o crime e o julgamento da juíza (tematizados pelo fórum), e também as mensagens dos internautas, estariam situados.

Os enunciados projetam uma sociedade caracterizada pela injustiça (leia-se ineficiência do poder judiciário e carência de igualdade no trato dos diferentes grupos sociais). Projetam, também, o outro dessa sociedade: o lugar da justiça e da eficiência da Lei (jurídica e social) e, mais que isso, a certeza de que a justiça de que o Brasil carece é uma possibilidade concreta, já que ocorreria, de fato, nos Estados Unidos.

## Entre duas sociedades: o lugar do indivíduo

Os “sujeitos” desses enunciados situam-se, a si mesmos, como “indivíduos”, em um lugar que constitui justamente a dinâmica entre as duas sociedades projetadas. Como tal, estão inseridos na sociedade da injustiça, ao mesmo tempo que não coincidem com ela. Enunciam, simultaneamente, de seu interior e de um lugar enunciativo que lhes permitiria o olhar crítico daquele que está de fora, o lugar da exterioridade.

Essa exterioridade se constrói de duas maneiras. Em primeiro lugar, ela é o próprio contraponto à sociedade da injustiça; é a justiça possível. É importante notar que esse contraponto não se dá por meio de um conceito jurídico ou histórico; não erige, como argumento, uma “igualdade” que remetesse a uma sociedade contratual rousseauiana ou ao “igual perante Deus” do catolicismo. É, sim, um contraponto que se materializa por meio de uma sociedade de fato, que seria a prova de que a eficácia da justiça (jurídica e social) é possível, funcionando, ao mesmo tempo, como o contraste que “envergonha”, como o “exemplo” que deve ser lembrado e, até, como uma “saída” possível caso o Brasil prossiga no atual caminho (referimo-nos à saída do aeroporto, mencionada na mensagem B).<sup>10</sup>

Em segundo lugar, a exterioridade se constrói por meio de uma projeção do Brasil que, também ela, não coincide totalmente com a sociedade da injustiça. O Brasil do Caso Pataxó – o do “rodízio sem fim de coisas mesquinhas, podres e de interesses individuais”, no qual “nada de concreto é realizado” – é também o “Brasil varonil”, o “País tão lindo e maravilhoso”. A possibilidade de a sociedade da injustiça se transformar em seu outro estaria, no caso da mensagem A, em uma alteridade que lhe seria intrínseca: convivem, em um só Brasil, a beleza e a injustiça. Já na mensagem B, o “Brasil varonil” aparece no interior de uma ironia que expõe a tensão entre uma imagem do Brasil como a “nação do futuro”, forte e grandiosa (e aqui poderíamos remeter a uma imagem

---

10 Não estamos afirmando que essa sociedade justa e igual, representada pela norte-americana, é um fato, mas que a sociedade norte-americana é assim configurada nas mensagens do fórum, como um contraponto à sociedade brasileira. Afirmações como a de que os índios nos Estados Unidos são respeitados (“e suas reservas são verdadeiros patrimônios”) remetem não a uma situação histórica concreta (a da colonização norte-americana, por exemplo), mas a uma projeção que “diz” muito do lugar de poder ocupado por aquele país e do lugar de subordinação (vivenciado e simbolizado) ocupado pelo Brasil. Note-se, ainda, o uso da sigla USA (para *United States of America*), em vez de uma rotulação daquele país a partir da língua falada no Brasil. Será possível imaginar um internauta norte-americano escrevendo Brasil com “s” em uma de suas mensagens?

deslocada do “marketing nacionalista” do período da ditadura militar e, também, às décadas anteriores a ela, em que os diversos nacionalismos proclamavam, para o Brasil, a certeza de uma grandeza futura), e uma imagem do Brasil como a sociedade da injustiça que, atualmente, predomina como vivência rotineira e simbólica do país.

### **Projeção do sujeito no discurso: o sujeito observador e o sujeito participante**

A figura do indivíduo se constrói, como dissemos, em um lugar que corresponde a essa projeção dupla da sociedade. É também no interior de uma dinâmica dupla que se dá a constituição do enunciador como “sujeito de linguagem”.

A constituição do enunciador passa não só pelo lugar social do indivíduo, de que falamos anteriormente, mas também pelo lugar delimitado pelo/para o sujeito no discurso. Falamos, neste último caso, de possibilidades de subjetivação presentes no material lingüístico analisado e da maneira como singularizam o meio Internet, ao mesmo tempo que têm, nas características desse meio, muitas das condições de sua produção.

O enunciador toma, para si, o lugar daquele que enuncia uma realidade (a da sociedade da injustiça, que teria possibilitado a sentença da juíza sobre o Caso Pataxó, à qual o enunciador se opõe). Constrói a si mesmo como um “sujeito observador”, que julga uma situação, discorda dela e apresenta “provas”. Constitui-se, entretanto, também como “sujeito participante”. Daí a possibilidade de, como brasileiro, envergonhar-se da situação que, com a exterioridade que assume (a de um outro e belo Brasil ou aquela materializada pela referência aos Estados Unidos), julga errada.

Nessa noção de “sujeito observador”, incluímos também o diálogo com as demais mensagens do fórum, já que o julgamento se dá não em relação ao “fato em si” do assassinato do índio Galdino por jovens de classe média alta de Brasília, seguido da sentença da juíza sobre o caso, mas, sim, em relação a uma diversidade de textos sobre o Caso Pataxó, como aqueles que constituem o próprio fórum ou a página *Jus Navigandi*, textos provenientes de outros meios de comunicação e/ou de conversas rotineiras sobre aquele fato (textos orais e escritos que extrapolam o meio Internet). Assim, o “olhar observador” pelo qual o sujeito

se constitui remete tanto a uma exterioridade em relação à sociedade da injustiça, projetada nas mensagens, quanto à possível assunção de uma exterioridade em relação aos demais textos que constituem, então, o Caso Pataxó.

Da mesma forma, a noção de "sujeito participante" se refere não apenas a um lugar no interior da sociedade enunciada, mas também a um lugar projetado para/pelo sujeito no interior da dinâmica discursiva de constituição do fato Caso Pataxó. Nesse caso, essa interioridade daria ao sujeito a possibilidade de "(re)significar o fato" e não apenas observá-lo, emitindo um julgamento externo.<sup>11</sup>

## **A relação oralidade/escrita na constituição do enunciador**

Nessa dupla constituição do enunciador como sujeito do discurso, apontamos para a fluidez entre oralidade e escrita. Os fragmentos discursivos analisados são mensagens escritas que, entretanto, se formulam na interação com um meio que tem, como uma de suas principais características, a imediatez e a instantaneidade, tradicionalmente associadas à oralidade. Mesclando a permanência atribuída à escrita (dois anos depois do início do fórum, ainda é possível acessá-lo na Internet, na página do provedor ZAZ) a uma quase simultaneidade, atribuída à fala (o internauta pode estar respondendo a mensagens enviadas segundos antes de acessar o fórum e pode estar ainda "plugado" no instante em que outros internautas respondem a sua própria mensagem), a "discussão digital" assume características singulares na relação entre oralidade e escrita.

Nas mensagens do fórum, expressões tais quais "moleques", "filhinhos de papai", "PPP", "hiper revoltante", "acho mesmo que a saída para

---

11 Remetemos aqui a Alvarez (1999). Analisando o mesmo fórum por meio de uma perspectiva sociológica, o autor aponta para a presença simultânea de um discurso "técnico" e de um discurso "político" nas mensagens que o compõem. O primeiro discurso é caracterizado por uma análise "interna" da sentença da juíza, enquanto o segundo remete a aspectos "externos" à sentença, a aspectos políticos, econômicos ou sociais que explicariam a decisão da juíza. Registramos a possibilidade de analisar as relações entre a dinâmica apontada por Alvarez (em que os discursos "técnico" e "político" se mesclam na caracterização do "fato", apontando para concepções de justiça e cidadania presentes no fórum) e a dinâmica que apontamos neste artigo (em que sujeitos se constituem como "observadores" e "participantes" no interior de um esforço de significação do "fato" e da sociedade na qual ele ocorre).

o Brasil varonil é mesmo o aeroporto”, “é uma vergonha” ou “com certeza”, que poderíamos mais facilmente localizar em uma conversação rotineira, convivem com fragmentos como o seguinte, que remete a uma estrutura mais facilmente localizável em textos escritos:

“Enquanto os USA estão conquistando outros planetas estamos banalizados por questões bestialmente complicadas por pessoas bestiais que não querem o desenvolvimento desse País tão lindo e maravilhoso.

Esses enunciados convivem, ainda, com fragmentos como o reproduzido abaixo:

“Um caso semelhante ocorreu nos EUA a algum tempo atrás, semelhante apenas pela não ‘intensão de matar’, mas apenas a intensão de se fazer uma brincadeira, caso esse em que os garotos apenas retiram uma placa de sinalização ‘PARE’, e com isso ocorreu um sério acidente, matando algumas pessoas, mas como nos EUA a lei é leva a risca, os jovens pegaram a pena máxima, independente da intensão ou não. Por isso eu acho que é um absurdo a pena estabelecida neste caso.

Nele, podemos apontar para formulações que nos aproximariam de textos mais característicos da escrita, como é o caso das expressões “um caso semelhante ocorreu”, e das retomadas “caso esse em que” e “com isso”. Podemos, ainda, apontar para o fato de que as diversas retomadas, no interior de um período bastante longo, ainda que realizadas por meio de expressões que aproximamos à escrita, remetem a um ritmo mais comum à conversação. O longo enunciado iniciado por “Um caso semelhante” (...semelhante apenas ... mas apenas ... caso esse ... e com isso ... mas como ... independente da intensão ou não) estaria, na linguagem escrita formal, subdividido em enunciados menores.

Não temos a intenção de realizar uma análise lingüística de nosso material, no que se refere às práticas do oral/letrado e do escrito/falado.<sup>12</sup> Nossas observações, nesse particular, vão no sentido de demonstrar que o material lingüístico que constitui o fórum “Índio Pataxó” não poderia ser inserido no interior da categoria “fonte oral” ou da categoria “fonte

---

12 Corrêa (1999). O autor realiza uma análise desse mesmo material que tem como questão lingüística central o modo de organização do oral/falado e do letrado/escrito no gênero textual “fórum via Internet”.

escrita", ambas utilizadas pela historiografia na caracterização das fontes utilizadas para a escrita da história.

Da distinção entre "fontes orais" (ou "depoimentos") e "fontes escritas" (ou "documentos"), propomos um deslocamento para uma visão do fórum como um acontecimento histórico singular que, como tal, pode ser considerado uma fonte potencial para a história.

Do ponto de vista da relação oralidade/escrita, essa fonte pode ser caracterizada como uma prática social que mescla práticas mais típicas de gêneros orais a práticas mais típicas de gêneros da escrita, já que oralidade e escrita compõem, indissociáveis, o material lingüístico que analisamos.

Acreditamos que essa caracterização permite à historiografia uma melhor compreensão da singularidade histórica dessa possível fonte (o fórum via Internet), em vez de aprisionar esse novo meio no interior da oposição "fontes orais/fontes escritas". Permite, portanto, que essa fonte seja tomada em sua historicidade, levando em conta sua configuração discursiva e, nela, as noções de sociedade, indivíduo, linguagem – e também de história – que vão se materializando.

Singularidade e historicidade convivem em uma perspectiva que considera, no discurso, seu caráter de acontecimento (uma individuação histórica) e, simultaneamente, sua historicidade, que remete a um diálogo com outros acontecimentos. A historicidade é compreendida, pois, como uma base fluida que assume formas singulares nos diferentes gêneros discursivos (tomados como fontes), ultrapassando-os, porém, e constituindo justamente o diálogo entre os diferentes gêneros (tomados como diferentes fontes).

## **Considerações finais**

Considerar a historicidade das fontes e, com ela, sua singularidade implica, ainda, uma perspectiva teórica que ultrapassa as fronteiras disciplinares.

Assim como a historicidade não está contida apenas no interior dos gêneros discursivos, ou de uma suposta pureza do oral e do escrito, sua fluidez não se mantém, também, no interior de fronteiras disciplinares.

Quando a historiografia percebe, em sua narrativa, uma construção possível do passado (que é, ela própria, imbuída de historicidade), essa historiografia se esquia em relação a um poder de conter, em si, o passado

e a verdade sobre os fatos. Também dessa perspectiva, o passado escapa às fronteiras da disciplina.

Por outro lado, quando o conceito de documento se multiplica, ultrapassando a noção jurídica de documento (atas, certidões, leis, registros cartoriais etc.), que era comum para a historiografia positivista do século XIX, a historiografia passa a ter o desafio de dar conta de uma diversidade de fontes que, como propomos, devem ser tratadas como acontecimentos históricos “singulares”, ao mesmo tempo que devem ser vistas em sua relação com outras fontes (outros discursos); uma relação constitutiva de sua historicidade. A historiografia não detém, assim, a verdade documental, já que o documento deixa de ser uma prova de um passado perdido, que deveria ser, de maneira privilegiada, resgatado pelo historiador.

Se o “fato” não é mais uma realidade independente de sua enunciação, se o documento não é mais uma “prova” do passado, ao historiador abre-se a percepção de que a historiografia lida, o tempo todo, com discursos muito diversos. Mais do que isso, abre-se a percepção de que a própria história é memória social que se constrói discursivamente. Nessa dinâmica histórica (discursiva), o passado assume sentidos diversos, em sua relação com o presente.

Assim, quando passado e narrativa historiográfica deixam de coincidir (a história não pode mais ser “história total”, mas um (re)configurar de discursos e de sentidos), é à historicidade que a pesquisa se volta. E esta, como já dissemos anteriormente, não está contida nas fronteiras disciplinares.

A visão fluida da dinâmica histórica, que impõe uma história que é discurso – que é teia, e não mais evolução –, escapa à própria historiografia como ela nos vem: essa suposta ciência positiva, que herdamos do século XIX. A historicidade exige “séries de conhecimentos” que, cruzando-se, não são mais disciplinares. A transdisciplinaridade torna viável, para além de regras internas a cada disciplina, a possibilidade não de seguir recortes prévios em um suposto real (assumidos, de antemão, pelo situar-se no interior de regras de constituição de uma disciplina), mas a possibilidade de elaborar “perspectivas de conhecimento” que dêem conta da singularidade das unidades de análise que construímos como dados.

Esses dados remetem, por sua vez, não “àquilo de que o texto fala” (no caso, o fato da morte do índio Pataxó e a sentença da juíza), mas à

configuração que esse fato assume em um meio de comunicação singular, a Internet.

A mídia não é, dessa maneira, tomada como um meio pelo qual se atinge um referente, o “fato” tematizado. É, sim, tomada, ela mesma, como um “fato histórico”, no sentido de que é visualizada como materialidade histórica; como prática social na qual oralidade e escrita se mesclam; como dinâmica discursiva na qual se materializam noções de história, de indivíduo e de sociedade. No interior dessa perspectiva, a Internet é apontada, neste trabalho, como acontecimento histórico singular que é, como tal, uma fonte potencial para o trabalho historiográfico.

BIROLI, F. M. Forum on the Web as historical source: an analysis of the forum “Índio Pataxó”. *Alfa (São Paulo)*, v.43, p. 29-44, 1999.

- **ABSTRACT:** *This paper discusses some possibilities of dealing with linguistic data within the genre “forum”, searching for viewing these data as a source for the Historian’s researches. The starting point is the link between spoken and written language observed in these data. Two different approaches of the texts are discussed: 1. an understanding of the text as information about a “fact”; and 2. an understanding of the text as a historical event. This discussion is in accord with similar ones that have been occurring in two different fields of knowledge: a) an approach of the text as strictly linguistic or as a product of discourse, in Linguistics; and b) an approach of the text as a reflex of a social structure or as a social practice.*
- **KEYWORDS:** *Communication on the web; spoken sources; written sources; forum; transdisciplinarity; historicity.*

## Referências bibliográficas

- ALVAREZ, M. C. Entre a estrutura e a prática social: o fórum “Índio Pataxó” e a construção dos dados pela sociologia. In: MOURA, D. (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORRÊA, M. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas, 1977a. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade de Campinas.
- \_\_\_\_\_. Dados lingüísticos e discursivos no fórum “Índio Pataxó”: primeiras discussões. In: MOURA, D. (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999.

## Bibliografia

- BIROLI, F. M. Memória: tempos, sujeitos, projetos. In: CHACON, L., POSSENTI, S. (Org.) *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp: análise do discurso* (Marília), v.6, n.2, 1997.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CORRÊA, M. G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: CHACON, L., POSSENTI, S. (Org.) *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp: análise do discurso* (Marília), v.6, n.2, 1997b.
- FOUCAULT, M. Linguistique et sciences sociales. *Revue Tunisienne de Sciences Sociales (Tunis)*, n.19, p.248-55, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 5.ed. São Paulo: Forense Universitária, 1997.
- SIMSON, O. R. M. von. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1997.
- THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.